

Cámara Oscura: investigaciones del área


## La colocación de pronombres personales clíticos en PLE: análisis de producciones escritas de aprendientes hispanohablantes. Importar imagen



## The placement of clitic personal pronouns in PFL: analysis of written productions of Spanish-speaking learners.

## A colocação dos pronomes pessoais clíticos em PLE: análise de produções escritas de aprendentes hispanofalantes.

de Oliveira Duarte, Telma Elisabete

 **Telma Elisabete de Oliveira Duarte**  
telmaduarte@usal.es  
Universidad de Salamanca, España

**Tavira. Revista electrónica de formación de profesorado en comunicación lingüística y literaria**  
Universidad de Cádiz, España  
ISSN-e: 2792-9035  
Periodicidad: Anual  
núm. 28, 2023  
tavira.fpcll@uca.es

Recepción: 12 Julio 2023  
Aprobación: 05 Octubre 2023  
Publicación: 12 Octubre 2023

URL: <http://portal.amelica.org/amelijournal/822/8224162007/>

**Resumen:** Este trabajo pretende describir el comportamiento de aprendices hispanohablantes de portugués europeo como lengua extranjera cuanto a la colocación de pronombres personales clíticos en producciones escritas no inducidas. Partiendo de las descripciones de Duarte (2003) y de Martins (2013) para el portugués europeo contemporáneo (PEC) y de Fernández Soriano (1999) para el español peninsular, presentes en gramáticas de referencia, la investigación utilizó una metodología cuantitativa y cualitativa, que combina el Análisis Contrastivo (Lado, 1957), el Análisis de Errores (Corder, 1971) y la teoría de la Interlengua (Selinker, 1972) para obtener una imagen lo más completa posible de las elecciones realizadas por estos aprendices. Los resultados indican que, dados los patrones colocacionales del PEC, estos alumnos producen más ocurrencias convergentes que divergentes. No existe una correlación lineal entre ocurrencias convergentes y nivel de competencia, la convergencia es más evidente en contextos de enclisis y la divergencia se produce principalmente porque los alumnos optan por enclisis en contextos que requieren proclisis, siendo especialmente problemático el contexto de las oraciones subordinadas relativas. Las causas de las desviaciones encontradas se deben esencialmente a la sobregeneralización del patrón colocacional básico del PEC, la enclisis, y a la interferencia de la lengua materna de los alumnos.

**Palabras clave:** Colocación de los pronombres personales clíticos, Portugués como lengua extranjera, Estudiantes hispanohablantes, Transferencia lingüística, Sobregeneralización.

**Resumo:** Este trabalho procura descrever o comportamento de aprendentes hispanofalantes de português europeu língua estrangeira relativamente à colocação dos pronomes pessoais clíticos em produções escritas não induzidas. Recorrendo às descrições de Duarte (2003) e de Martins (2013), para o

português europeu contemporâneo (PEC), e de Fernández Soriano (1999), para o espanhol peninsular, presentes em gramáticas de referência, a investigação efetuada socorre-se de uma metodologia quantitativa e qualitativa que combina a Análise Contrastiva (Lado, 1957), a Análise de Erros (Corder, 1971) e a teoria da Interlíngua (Selinker, 1972), com o objetivo de obter uma visão o mais completa possível quanto às opções tomadas por estes aprendentes. Os resultados indicam que, considerando os padrões de colocação do PEC, estes aprendentes produzem mais ocorrências convergentes do que divergentes. Não existe, no *corpus* analisado, uma correlação linear entre ocorrências convergentes e nível de proficiência. A convergência evidencia-se mais em contextos de ênclise e a divergência ocorre, principalmente, porque os aprendentes optam por ênclise em contextos que requerem próclise, revelando-se, sobretudo, o contexto de orações subordinadas relativas como problemático. As causas dos desvios encontrados devem-se, essencialmente, à sobregeneralização do padrão de colocação base do PEC, a ênclise, e à interferência da língua materna dos aprendentes.

**Palavras-chave:** Colocação dos pronomes pessoais clíticos, Português como língua estrangeira, Aprendentes hispanofalantes, Transferência linguística, Sobregeneralização.

**Abstract:** The purpose of this work is to describe the behaviour of Spanish-speaking learners of European Portuguese as a foreign language with regard to the placement of clitic personal pronouns in uninduced written productions. Using the descriptions of Duarte (2003) and Martins (2013) for contemporary European Portuguese (CEP) and Fernández Soriano (1999) for peninsular Spanish, which are present in reference grammars, the research used a quantitative and qualitative methodology that combines Contrastive Analysis (Lado, 1957), Error Analysis (Corder, 1971) and Interlanguage theory (Selinker, 1972) in order to obtain as complete a picture as possible of the choices made by these learners. The results indicate that, given the collocational patterns of CEP, these learners produce more convergent than divergent occurrences. There is no linear correlation between convergent occurrences and proficiency level in the corpus analysed. Convergence is more evident in contexts of enclisis and divergence occurs mainly because learners opt for enclisis in contexts where proclisis would be necessary, with the context of relative subordinate clauses in particular proving problematic. The causes of the deviations found are essentially due to the overgeneralisation of the basic CEP collocational pattern, enclisis, and the interference of the learners' mother tongue.

**Keywords:** Clitic order patterns, Portuguese as a foreign language, Spanish speaking learners, Linguistic transfer, Overgeneralization.

## 1. INTRODUÇÃO

Estudos realizados no âmbito da aquisição/aprendizagem dos padrões de colocação dos pronomes pessoais clíticos em português como língua estrangeira (PLE) (entre outros, Fiéis e Madeira, 2016; Madeira et al., 2006) apontam

para as dificuldades que esta estrutura da língua portuguesa apresenta para estes aprendentes.

Tanto quanto sabemos, estes trabalhos assentam apenas em juízos de aceitabilidade e produções elicitadas, não existindo, até ao momento, nenhum que se debruce sobre o comportamento de aprendentes de português europeu língua estrangeira (PELE) em produções escritas não induzidas, lacuna esta que a nossa investigação procura preencher.

O objetivo é descrever o comportamento de aprendentes hispanofalantes de PELE de diferentes níveis de proficiência em contexto de imersão em relação aos padrões de colocação dos pronomes pessoais clíticos em produções escritas retiradas do PEAPL2 e do COPLE2, dois corpora de acesso aberto que reúnem produções escritas (e, no caso do COPLE2, também orais, no caso do COPLE2) de aprendentes de PLE e que, portanto, são particularmente úteis para o estudo do comportamento destes aprendentes em várias áreas de investigação. Sob um ponto de vista didático, conhecer melhor o comportamento dos estudantes é essencial de modo a identificar dificuldades e, assim, poder trabalhá-las e (espera-se) ajudar a superá-las.

O trabalho procura, assim, dar resposta a duas perguntas de investigação gerais: (i) que padrões se detetam na colocação dos pronomes pessoais clíticos nas produções escritas destes aprendentes hispanofalantes de PELE? e (ii) que fatores podem influenciar no aparecimento desses padrões, prestando especial atenção ao nível de proficiência, aos contextos de colocação e à língua materna dos aprendentes?

Os estudos inicialmente mencionados, os quais enquadram teoricamente esta nossa investigação (e que apresentamos mais detalhadamente na subsecção 2.3), permitem avançar algumas hipóteses de trabalho. Assim, espera-se que, apesar da complexidade dos padrões de colocação dos clíticos em PEC, os aprendentes acertem mais do que errem e que a percentagem de acertos aumente à medida que o nível de proficiência dos aprendentes também aumenta. Espera-se, de igual modo, que os acertos ocorram mais em contextos que pedem ênclise, padrão de colocação que, aliás, os aprendentes tenderão a sobregeneralizar, sobretudo em níveis de proficiência mais baixos. As orações com um elemento de negação em posição pré-verbal e as estruturas com advérbios poderão ser contextos de colocação que ofereçam alguma resistência aos aprendentes, embora estes comecem a dominar o primeiro contexto mais rapidamente. Quanto ao papel da LM dos aprendentes, pensa-se que esta terá algum papel tanto em produções convergentes (transferência positiva) como em produções divergentes (interferência). No que diz respeito às causas que poderão estar na base das produções que diverjam dos padrões de colocação do PEC, espera-se que, para além da interferência, também a sobregeneralização do padrão base de colocação em PEC possa estar na origem dos desvios produzidos.

## 2.ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 2.1.Os pronomes pessoais clíticos: definição e características

Constituindo “uma das particularidades mais salientes de todas as línguas românicas” (Kaiser, 1999, p. 3), os clíticos têm sido amplamente estudados,

sobretudo dentro do marco da gramática generativa (Kaiser, 1996; Magro, 2007). Não sendo o objetivo deste trabalho problematizar a noção de clítico e sim averiguar o seu processo de aquisição/aprendizagem por parte de um determinado grupo de aprendentes, adotamos, no mesmo, a definição apresentada na Gramática do Português da Fundação Calouste Gulbenkian, da autoria de Martins (2013), autora de reconhecida trajetória no estudo dos clíticos, de acordo com a qual, o clítico, também conhecido como palavra átona, constitui “um item lexical sem acento prosódico atribuído no léxico” que, no entanto, usufrui de “certa liberdade posicional” (p. 2231) e autonomia morfológica. Devido a esta ausência de acento, o clítico tem que depender de uma palavra contígua acentuada, o hospedeiro ou palavra hospedeira, à qual se liga, dando lugar a um processo que se denomina cliticização. A maioria dos clíticos do português europeu são proclíticos, isto é, “cliticizam à palavra acentuada que ocorre imediatamente à sua direita” (Martins, 2013, p. 2232).

Muitos dos pronomes pessoais complemento do português são clíticos, constituindo o que se conhece por clíticos verbais ou especiais, uma vez que selecionam, geralmente, como palavra hospedeira, um verbo. Para além disso, não adotam uma posição fixa quanto ao seu hospedeiro, podendo ser ora proclíticos (exemplo (1)) ora enclíticos (exemplo (2)) à palavra que os antecede, estando “a direção de cliticização que apresentam condicionada por fatores gramaticais do nível frásico” (Martins, 2013, p. 2232).

(1) Ela não me falou de ti.

(2) Ela falou-me de ti.

Para além destas duas posições mais frequentes, os clíticos podem ainda ocorrer em posição mesoclítica, colocando-se, quando o seu hospedeiro é uma forma verbal do futuro ou do condicional, numa posição interna ao verbo (exemplo (3)).

(3) Ela falar-me-ia de ti se considerasse que era importante.

Duarte (2003) considera que a mesóclise é um padrão de colocação alternativo ao padrão enclítico (um argumento que contribui, aliás, para defender a tese de que a ênclise é o padrão de colocação básico em PEC, aspeto que analisaremos a seguir), sendo resultado de um “traço de uma gramática antiga” (p. 865). Apesar de ainda ser exigida no português europeu padrão, a mesóclise parece estar, todavia, “claramente em desaparecimento” (Duarte, 2003, p. 865). Com efeito, dados de aquisição observados por esta autora revelam que a posição mesoclítica tem vindo, tendencialmente, a dar lugar à ênclise em produções de gerações mais jovens (Duarte, 2003, p. 851).

## *2.2. Os padrões de colocação dos pronomes clíticos em português europeu contemporâneo e em espanhol peninsular*

Contrariamente a outras línguas românicas, incluindo o espanhol peninsular, em português europeu contemporâneo (PEC), a colocação dos pronomes clíticos está condicionada por critérios sintáticos. Assim sendo, embora a posição enclítica seja considerada o padrão de colocação básico em PEC, realidade esta que é, de acordo com Duarte (2003), evidenciada por “argumentos de natureza histórica e argumentos fornecidos por dados de aquisição” (p. 850), nomeadamente por a ênclise ser o padrão de colocação que “as

primeiras produções com pronomes clíticos das crianças portuguesas exibem generalizadamente” (Duarte, 2003, p. 850), existem muitos contextos que desencadeiam a próclise.

De forma muito geral, poderíamos tentar sintetizar os contextos de ênclise, dizendo que esta surge em orações principais afirmativas (exemplo (2)) desde que nelas não se verifique a presença, em posição pré-verbal, de determinados constituintes “associados aos processos gramaticais da negação, da quantificação, da focalização e da ênfase, tomados singularmente ou não” (Martins, 2013, p. 2241), os chamados proclisadores ou atratores de próclise (exemplo (1)). A realidade é, como sabemos, mais complexa. Veja-se, a título exemplificativo, como as orações afirmativas introduzidas por quantificadores do tipo de muitos admitem, paralelamente à próclise, também a posição enclítica (exemplo (4)), ou como é possível a ocorrência de próclise sem atratores de próclise em frases declarativas enfáticas (exemplo (5)). A interpolação, isto é, a “possibilidade de ocorrência do operador de negação frásica não entre um pronome proclítico e o hospedeiro verbal” (Duarte, 2003, p. 866), constitui, de igual modo, ainda que seja de “âmbito muito restrito no português padrão contemporâneo” (Martins, 2013, p. 2233), um fator que acresce alguma complexidade ao sistema de colocação dos pronomes pessoais clíticos em PEC (exemplo (6)).

(4)Muitas pessoas vacinam-se todos os anos. / Muitas pessoas se vacinam todos os anos.

(5)Te garanto que levas ou te arrenego, desgraçado!

(6)O que ele lhe não terá dito!

Por último, cabe ainda mencionar o fenómeno conhecido por subida de clítico. Assim, em algumas estruturas completivas infinitivas (exemplo (7)), o pronome pode cliticizar tanto ao verbo infinitivo de que é complemento como ao verbo finito que seleciona a oração, e, em perífrases verbais (exemplo (8)), o pronome pode ter como hospedeiro tanto o verbo pleno infinitivo de que é complemento como o verbo auxiliar finito (Martins, 2013, p. 2234). Esta subida opcional não se verifica, contudo, com complexos verbais com gerúndio ou com participípio passado, em cujo caso a subida de clítico é obrigatória (exemplo (9)).

(7)Queres dar-me o livro ou não? / Queres-me dar o livro ou não?

(8)Vou telefonar-lhe já. / Vou-lhe telefonar já.

(9)Ia-lhes oferecendo alpista até ganharem confiança. / tinha-lhes dado alpista durante um mês quando se atreveram a aproximar-se vs. ?? ia oferecendo-lhes alpista até ganharem confiança ou \*tinha dado-lhes alpista durante um mês quando se atreveram a aproximar-se.1

Ao contrário do que acontece em PEC, em que a colocação dos pronomes clíticos depende de condicionamentos sintáticos, em espanhol peninsular são critérios morfológicos os que determinam essa colocação. Assim sendo, os pronomes pessoais átonos colocam-se, em espanhol peninsular, em posição proclítica ou enclítica, dependendo da flexão do verbo. Deste modo, os verbos finitos exigem próclise (exemplo (10)), enquanto que infinitivos (exemplo (11)), gerúndios (exemplo (12)) e imperativos afirmativos (exemplo (13)) desencadeiam ênclise.

(10)Lo {admiro/admire/admiraré/admiraba} mucho.

(11)No es bueno admirarlo tanto.

(12)Admirándolo tanto no consigues nada.

(13) Admírenlo ustedes también.

Ora, como facilmente podemos deprender, em espanhol peninsular o padrão de colocação básico dos pronomes clíticos é a próclise. Deste modo, e como se pode comprovar pelo previamente exposto, embora tanto o PEC como o espanhol peninsular possuam pronomes clíticos em posição enclítica e proclítica, os padrões básicos de colocação diferem. Para além disso, tal como em PEC, o fenómeno de subida de clítico é igualmente possível em espanhol peninsular, sendo, contudo, apenas opcional nesta última língua (exemplo (14)). Como aponta Fernández Soriano (1999), responsável pela redação do capítulo *El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos da Gramática descriptiva de la lengua española*, obra de referência no que se refere à língua de Cervantes, “en ciertas circunstancias en que aparece un verbo finito seguido de infinitivo o gerundio, tienen la opción de colocarse como proclíticos al primero o enclíticos a los segundos” (p. 1262). Os participípios não admitem, nas duas línguas, pronomes clíticos (exemplos (15) e (16)).

(14) {Debo/Puedo} dárselo. / Se lo {puedo/debo} dar.

(15) \*He admirádolo mucho.

(16) \*Observada-a, o médico decidiu atuar rapidamente.

### *2.3.A aquisição/aprendizagem dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em Português Língua não Materna*

A complexidade do sistema de colocação dos pronomes pessoais átonos em PEC previamente explanada faz com que os aprendentes de PLE revelem dificuldades nesta área (Cristiano, 2010; Madeira et al., 2006; Rodrigues, 2018; Rosário, 2005), dificuldades estas que, além disso, se veem acentuadas quando se trata de aprendentes cujas LM não possuem clíticos (Gu, 2019; Rosario, 2005; Ułanowicz, 2020). Na verdade, também falantes nativos e alunos de português língua materna (PLM) sentem dificuldades. Não sendo estes últimos os sujeitos de estudo deste trabalho, parece-nos, contudo, pertinente referir que alguns estudos revelam pontos de convergência entre as dificuldades verificadas nos aprendentes de PLE e as dificuldades encontradas em falantes nativos de distintas idades, como, por exemplo, uma tendência à generalização do padrão enclítico em fases iniciais de aquisição/aprendizagem (veja-se, nomeadamente, o estudo de Costa e Lobo (2013)).

Em relação às dificuldades verificadas por alunos de PLE, Madeira et al. (2006), num estudo sobre clíticos pronominais em português L2 realizado com aprendentes de diferentes LM e níveis de proficiência em contexto de imersão, chegam à conclusão de que, independentemente da LM dos aprendentes, estes parecem seguir um percurso semelhante na aquisição da colocação dos pronomes clíticos. Curiosamente, este percurso é, além disso, idêntico ao que se observa na aquisição da L1. Assim, tanto aprendentes com LM românicas, como aprendentes com LM não românicas e falantes nativos revelam uma tendência inicial a generalizar a ênclise nas suas produções, o que leva, inclusive, Fiéis e Madeira (2016) a avançar que “a aquisição deste fenómeno é, aparentemente, determinada por propriedades gramaticais particulares da língua alvo” (p. 443). À medida que os dois grupos de aprendentes não nativos vão, progressivamente, adquirindo/aprendendo os contextos que desencadeiam

próclise, fazem-no numa determinada sequência também coincidente: primeiro, adquirindo/aprendendo contextos em que se encontra, em posição pré-verbal, um elemento de negação e interrogativas parciais que começam por *Qu-*, e, posteriormente, estruturas com advérbios. Esta sequência, curiosamente, também “apresenta semelhanças relativamente ao percurso seguido por crianças na aquisição de português L1” (Madeira et al., 2006, p. 507), acautelando a maior variação entre ênclise e próclise que os aprendentes de PLE evidenciam.

Relativamente à influência da LM, esta sente-se, nos dois grupos de aprendentes estrangeiros do estudo de Madeira et al., sobretudo, no ritmo de aprendizagem, sendo que os aprendentes com LM românicas adquirem os contextos que exigem próclise mais rapidamente do que os aprendentes de LM não românicas. Em fases mais avançadas da sua aprendizagem, revelam, contudo, tendência a generalizar a próclise a contextos que pediriam ênclise. Assim, concluem as autoras, “no caso dos falantes de línguas românicas, a presença de pronomes clíticos na sua L1 parece ter um efeito simultaneamente facilitador e retardador para estes aprendentes” (Madeira et al., 2006, p. 507). Também Fiéis e Madeira (2016), no seu estudo acerca da interpretação de pronomes fortes e clíticos em português L2, encontram alguma evidência de que os aprendentes transferem da sua L1, apresentando os grupos com LM espanhola e com LM inglesa acrescida de conhecimentos da língua espanhola, “taxas nulas ou muito baixas de omissão” dos pronomes (p. 454). Os resultados obtidos pelas autoras no seu trabalho de investigação revelam ainda a existência de uma assimetria entre produção e compreensão, uma vez que “as taxas de aceitação de clíticos são significativamente mais elevadas do que as taxas de produção” (Fiéis e Madeira, 2016, p. 455). Os aprendentes parecem, pois, não transportar para as suas produções o conhecimento passivo que, aparentemente, já possuem.

Também Rosário (2005), ao investigar a aquisição dos clíticos por falantes de PLE, observa, tal como nos restantes trabalhos expostos, um melhor desempenho, por parte dos aprendentes, em contextos que pedem ênclise (em detrimento dos que pedem próclise). De acordo com a autora, esta preferência pela ênclise poderá ser explicada pela Teoria da Marcação. Como o português e o francês são, fundamentalmente, línguas de ordem SVO, a ênclise será a construção menos marcada, o que explicaria a preferência por essa colocação tanto por parte de aprendentes com LM francesa, como por parte de falantes nativos. Outra observação interessante realizada por esta investigadora é o facto de os aprendentes observados não cometerem “erros impossíveis na sintaxe dos clíticos” (Rosário, 2005, p. 558), isto é, de saberem nitidamente que devem colocar o pronome clítico junto ao verbo. Esta autora, tal como Madeira et al. (2006) e Fiéis e Madeira (2016) – e, como veremos mais tarde, também Rodrigues (2018) – atribui algum papel à transferência da L1 na aquisição/aprendizagem dos pronomes clíticos. Com efeito, no seu estudo, os aprendentes de LM francesa (uma língua que, tal como o português, também possui clíticos) obtêm melhores resultados do que os aprendentes ingleses.

Para além dos estudos realizados com aprendentes com distintas LM, incluindo alguns deles aprendentes com LM espanhola, o estudo de Rodrigues (2018), efetuado exclusivamente com este grupo de aprendentes, atesta resultados coincidentes com os já apresentados. Assim, a investigadora verifica que os estudantes hispanofalantes acertam mais do que erram no que diz respeito

à colocação dos clíticos e que o seu sucesso vai, além disso, aumentando à medida que o seu nível de proficiência também aumenta. Em consonância com os resultados dos trabalhos previamente referidos, os aprendentes hispanofalantes dominam a colocação dos pronomes pessoais átonos em contextos de verbo simples enclítico, revelando, não obstante dificuldades em contextos de verbo simples que exigem próclise, nos quais evidenciam uma tendência a generalizar a ênclise. No que concerne ao fenómeno de subida de clítico, o principal contexto objeto de estudo da autora, os aprendentes apresentam, sobretudo, dificuldades nos contextos de subida de clítico obrigatória ir + gerúndio, evidenciando ser a transferência da LM a causa que está na base dessas dificuldades.

Com o nosso trabalho de investigação, esperamos poder contribuir para conhecer melhor o processo de aquisição dos pronomes pessoais clíticos por parte destes aprendentes hispanofalantes, centrando-nos, especificamente, no seu comportamento quando elaboram as suas produções escritas livres. Espera-se, de igual modo, que os resultados alcançados possam servir para orientar os docentes que ensinam referido aspeto gramatical a este grupo de aprendentes, de forma a que possam tomar decisões pedagógicas que melhor auxiliem estes últimos no seu percurso de aquisição/aprendizagem da língua portuguesa.

### 3. CORPUS E METODOLOGIA

O corpus utilizado neste trabalho de investigação provém de dois corpora disponíveis em acesso aberto: o PEAPL2 – Corpus de Produções escritas de Aprendentes de PL2/Subcorpus Português Língua Estrangeira (de onde provém a maioria dos textos) e o COPLE2 - Corpus de Português Língua Estrangeira/ Língua Segunda. O primeiro, disponível em <https://www.uc.pt/fluc/rcpl2/>, reúne produções escritas elaboradas sem recurso a dicionário, em exercícios de avaliação contínua e/ou final, em resposta a um estímulo, por aprendentes adultos (com mais de 16 anos) a frequentar, no momento de recolha dos dados, o Curso Anual, o Curso de Férias ou o Curso Erasmus da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e, portanto, em contexto de imersão. O segundo, o COPLE2, disponível em <http://teitok.clul.ul.pt/cople2/>, é composto por textos, escritos e orais, produzidos por alunos de PLE/PL2 no Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICLP) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e por candidatos ao exame do Centro de Avaliação e Certificação de PLE, também da FLUL. O COPLE2 contém textos de aprendentes com 15 línguas maternas diferentes e proficiências de A1 a C1, abrangendo diferentes tópicos e tipos de tarefas. Cada texto é codificado com metadados completos sobre o perfil do aprendente, o tipo de tarefa e as circunstâncias em que o texto foi produzido. Apesar de se conhecer a língua materna dos aprendentes, não é fornecida informação acerca da sua procedência geográfica.

Na base da opção por recorrer a dois corpora distintos (o PEAPL2 e o COPLE2, como acabamos de expor) está o desejo de reunir um corpus homogéneo composto pelo mesmo número de textos em todos os níveis de proficiência —tabela 1—, algo que não seria possível recorrendo apenas ao PEAPL2, o corpus do qual retirámos a maior parte dos textos que compõem o corpus final. Este corpus final é constituído por 65 textos produzidos por informantes que identificaram o espanhol (única e exclusivamente) como LM.



Tabela 1

Nível A1	Nível A1	Nível A1	Nível A1	Nível A1
13 textos (2 PEAPLE2 + 11 COPLE2)	13 textos (PEAPLE2)	13 textos (PEAPLE2)	13 textos (PEAPLE2)	13 textos (6 PEAPLE2 + 7 COPLE2)

Corpus usado, especificado por nível de proficiência

Fonte: Elaboração própria

A metodologia utilizada para o tratamento dos dados combina a Análise Contrastiva (Lado, 1957), a Análise de Erros (Corder, 1971) e a hipótese da Interlíngua (Selinker, 1972). Assim, procedemos, em primeiro lugar, à comparação dos padrões de colocação dos pronomes pessoais clíticos em PEC, a língua que estes estudantes estão a aprender, e em espanhol, a sua LM. Com esta comparação pretendíamos analisar as semelhanças e diferenças entre as duas línguas, considerando que estas poderiam, eventualmente, ter implicações nas produções dos aprendentes (como se veio a verificar, e o que demonstraremos na secção seguinte). Não sendo, como bem sabemos, a influência da LM a única responsável pelo desenvolvimento da interlíngua do aprendente, efetuámos, posteriormente, uma análise dos desvios reais encontrados nas produções dos alunos no que concerne à colocação dos clíticos (Análise de Erros). Para além dos desvios, tivemos em conta também as ocorrências convergentes encontradas nas suas produções, tendo, por fim, avançado causas que poderão estar na origem dos resultados (convergentes e divergentes) encontrados na interlíngua destes aprendentes. Entendendo, na esteira dos estudos de Selinker (1972), que a interlíngua está em constante evolução, tivemos em conta as produções dos aprendentes em diferentes estádios da sua aprendizagem (do A1 ao C1). A leitura dos dados é não só de cariz quantitativo (por exemplo, na contagem de ocorrências convergentes ou divergentes), mas também qualitativo (nomeadamente, nas explicações dos desvios encontrados), por se acreditar que a combinação das duas metodologias auxiliará no entendimento, de forma o mais integral possível, do comportamento destes aprendentes.

No que concerne ao tratamento das produções escritas propriamente ditas, efetuámos, em primeiro lugar, o registo, em tabela Excel, de todas as ocorrências de clíticos encontradas nos textos, tendo-as organizado por nível de proficiência. Separámos, em seguida, produções convergentes de produções divergentes, entendendo como convergentes aquelas produções de clíticos que respeitam os padrões de colocação atualmente aceites como normativos em PEC. Assim, por exemplo, considerando que o advérbio de negação não requer, em PEC, a próclise, o exemplo (17) seria considerado como convergente, enquanto (18)<sup>2</sup> seria considerado divergente.

(17) Não me lembro do nome dele.

(18)\*Não lembro-me do nome dele.

As ocorrências de mesóclise foram desconsideradas, por, como explicitado no enquadramento teórico, este padrão estar em regressão<sup>3</sup>. De igual modo, desconsiderámos os contextos que admitem variação, centrando-nos nos que pedem exclusivamente ênclise ou próclise, uma vez que, nos contextos que

admitem variação, as produções dos aprendentes seriam sempre convergentes e poderiam, assim, falsear os resultados. Centrâmo-nos, posteriormente, nas produções convergentes de modo a analisar se a convergência se verificava mais em contextos que pedem ênclise ou em contextos que pedem próclise e, por último, prestámos atenção às produções divergentes de modo a investigar se estes aprendentes têm mais tendência a usar ênclise em contextos que pedem próclise ou próclise em contextos que pedem ênclise e de modo a identificar o(s) contexto(s) em que as divergências mais surgiram e a(s) causa(s) que poderia(m) estar na base dessas ocorrências divergentes.

#### 4.DADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Tendo apresentado o corpus utilizado e a metodologia seguida, passamos agora a expor e analisar os dados alcançados, procurando dar resposta às perguntas de investigação que expomos na Introdução.

Antes de analisar os dados e avançar respostas, parece-nos pertinente mencionar que, dos 65 textos analisados, 11 deles (17%) não exibem clíticos —Tabela 2—. Não sendo esta uma percentagem significativa, esta ausência pode levar-nos a questionar se os aprendentes não os usam por não sentirem necessidade de o fazer ou por recorrerem à estratégia de evitar uma estrutura que consideram problemática.

Tabela 2

A1	A2	B1	B2	C1	Total
3	5	2	0	1	11

Textos sem pronomes pessoais clíticos, por nível de proficiência e total  
 Fonte: Elaboração própria

Passando agora a analisar os dados propriamente ditos, verifica-se, tal como as hipóteses avançavam e, como se pode observar na figura 1, um maior número de produções convergentes com os padrões de colocação em PEC, tanto no total (99 ocorrências convergentes -82%- e apenas 22 produções divergentes -18%), como em cada um dos níveis de proficiência considerados —Figura 1—.

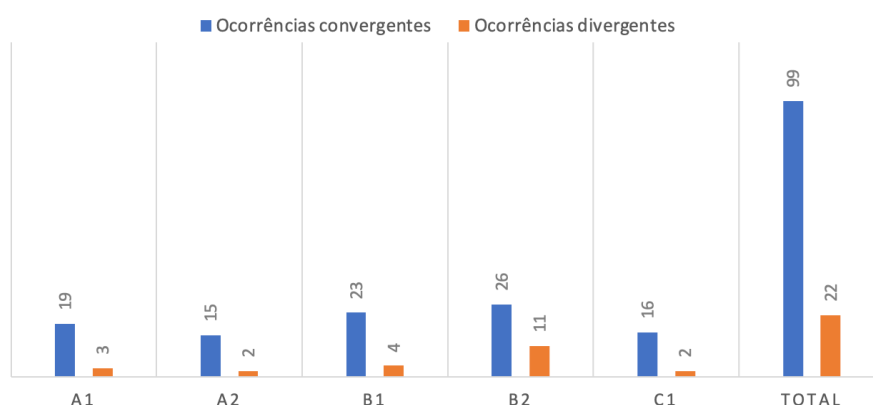


Figura 1

Ocorrências convergentes e divergentes: divididas por nível de proficiência e total

Fonte: Elaboração própria

Em termos percentuais, observa-se uma percentagem relativamente equilibrada de desvios (e, conseqüentemente, de convergência), que se encontra entre os 10 e os 15% em todos os níveis de proficiência, excetuando o nível B2, no qual surge a maior percentagem de divergência: 30% — Tabela 3—.

Tabela 3

Nível de proficiência	Total de ocorrências	Ocorrências convergentes	% de ocorrências convergentes	Ocorrências divergentes	% de ocorrências divergentes
A1	22	19	86%	3	14%
A2	17	15	88%	2	12%
B1	27	23	85%	4	15%
B2	37	26	70%	11	30%
C1	18	16	89%	2	11%
TOTAIS	121	99	82%	22	18%

Percentagem de desvios por nível de proficiência e total

Fonte: Elaboração própria

Relativamente aos números elevados de convergência nos níveis mais baixos de proficiência, sobretudo no nível A1, pensamos que se podem dever, em parte, ao tipo de produção escrita analisada. Correspondendo muitos textos de nível A1 à apresentação pessoal dos aprendentes ou à descrição da sua rotina diária, é natural que estes reproduzam blocos de informação aprendidos de forma relativamente padronizada: por exemplo, chamo-me (de alta frequência nos textos do nível A1 e até do nível A2), levanto-me, deito-me, o que poderá, pois, favorecer as produções convergentes. Vejamos alguns exemplos:

(19) Eu levante-me as 8:30 horas da manha... (informante es078CSITF\_14, nível A1)

(20) No final do dia eu [...] deitei-me à meia noite mais o menos. (informante es114CSITF\_1, nível A1)

(21) Chamo-me XXXXX, sou espanhola e tenho vinte e dois anos... (informante espanhol.a2.35.1.1a, nível A2)

O maior número de divergência encontra-se nos níveis intermédios (B1 e B2) e, sobretudo, em B2. Esta maior divergência encontrada no nível B2 pode, na nossa opinião, dever-se a distintos fatores, que podem atuar por separado ou interatuar. Poder-se-ia, por um lado, justificar com o facto de, neste nível, os aprendentes usarem um maior número de palavras —Tabela 4—. Um olhar mais atento permite-nos observar, no entanto, que o nível C1, que tem quase 1000 palavras a mais relativamente ao nível A2, apresenta apenas um desvio a mais em comparação com este último nível, entrando em jogo, neste caso, na nossa opinião, mais o nível de proficiência do que o número de palavras usadas como justificação. Consideramos, assim, que, para além do número de palavras usadas (que pode, na verdade, ter algum peso), a maior divergência verificada no nível B2 se poderia dever, em parte, à dificuldade acrescida que o próprio nível de proficiência acarreta. Com efeito, este nível corresponde, nas palavras dos elaboradores do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QEQR),

[ao] utilizador independente ou Nível Vantagem (Vantage). ‘Vantage’ significa em inglês ‘vantagem’, ‘superioridade’, tal como em português, pelo que se manteve o cognato nesta língua. A metáfora consiste no facto de que o aprendente, após ter progredido lenta mas firmemente através do patamar intermédio, descobre que já chegou a algum lado, que as coisas parecem diferentes, que adquiriu uma nova perspectiva e consegue olhar à sua volta de um novo modo. Este conceito parece ser largamente confirmado pelos descritores deste nível. Representam uma ruptura com o que os precede. (2001, p. 63)

A consulta do QEQR permite, aliás, constatar que muitos dos descritores que este documento de referência nos oferece só se formulam até ao nível B2, apresentando-se em C1 e C2 a indicação de que, nestes últimos níveis, os descritores devem ser “como B2”. É, assim, um nível de proficiência com um grau de complexidade elevada.

Para além disso, há ainda a considerar a ordem pela qual os contextos de colocação dos pronomes pessoais clíticos em PEC são ensinados aos aprendentes de PELE. Como sabemos, de modo geral, ensina-se, em primeiro lugar, aquele que é considerado o padrão base de colocação, isto é, a ênclise, sendo os contextos de próclise ensinados posterior e gradualmente à medida que o aluno vai progredindo na sua aquisição/aprendizagem. Ora, os níveis intermédios, e, em particular, o nível B2, são os níveis em que os aprendentes já conhecem um número considerável de contextos de colocação dos pronomes pessoais clíticos (com toda a complexidade de gestão que esse conhecimento acarreta) e em que, em princípio, exibirão mais dificuldade no domínio de todos eles. Neste nível, os aprendentes terão já interiorizado a ênclise, mas conhecerão igualmente uma maior quantidade de contextos que requerem próclise, pelo que é natural tanto que sintam uma maior confiança na língua alvo e arrisquem mais, como que sintam mais dificuldade em dominar o padrão de colocação adequado a todos esses contextos que já aprenderam, dificuldade esta que começam a dominar melhor nos níveis mais avançados (vemos como o nível C1 é o que apresenta menor percentagem de divergência).

Por último, é necessário considerar igualmente o contexto de imersão em que os aprendentes se encontram. Como vimos no enquadramento teórico, os falantes nativos têm vindo a denotar uma preferência pelo padrão enclítico,

revelando igualmente dificuldades em determinados contextos que pedem próclise. Estando estes estudantes expostos a input nativo, não será de menosprezar a possibilidade de reproduzirem padrões de colocação divergentes que ouvem de falantes nativos.

Apesar disto, e como veremos em seguida, os níveis B2 e C1 são níveis em que a convergência em contextos de próclise aumenta, o que indica que, embora paulatinamente, os aprendentes começam, efetivamente, a dominar também os contextos que pedem próclise.

Tabela 4

Níveis de Proficiência	Número de palavras utilizadas	Ocorrências de clíticos
A1	1657	22
A2	1766	17
B1	3377	27
B2	4145	37
C1	2762	18

Número de palavras utilizadas e ocorrências de clíticos por nível de proficiência

Fonte: Elaboração própria

Atendendo à relação entre níveis de convergência e nível de proficiência, como podemos examinar na tabela 3, no nosso corpus, a convergência não vai acompanhando o aumento do nível de proficiência. A convergência aumenta do nível A1 para A2, voltando a descer em B1 e B2 para aumentar novamente no nível C1, sendo este nível aquele em que se encontra um menor número de desvios. Poder-se-ia, assim, dizer que, embora a divergência não vá diminuindo gradualmente de nível para nível, o C1 acaba, não obstante, por ser o nível em que os aprendentes produzem menos ocorrências divergentes. Como acabamos de referir, os níveis intermédios e, sobretudo o nível B2, são aqueles em que se verifica um maior número de produções divergentes.

Relativamente aos contextos de colocação em que os aprendentes mais acertam, observamos que há mais produções convergentes com o PEC, tanto no total como em todos os níveis de proficiência analisados, em contextos que pedem ênclise —Figura 2—. A convergência em contextos que pedem próclise vai, porém, também “aumentando” (mantém-se do nível A2 para o B1) de forma gradual. Os níveis B2 e, sobretudo, C1 são, aliás, aqueles em que existe uma maior aproximação entre produções convergentes nos dois contextos.

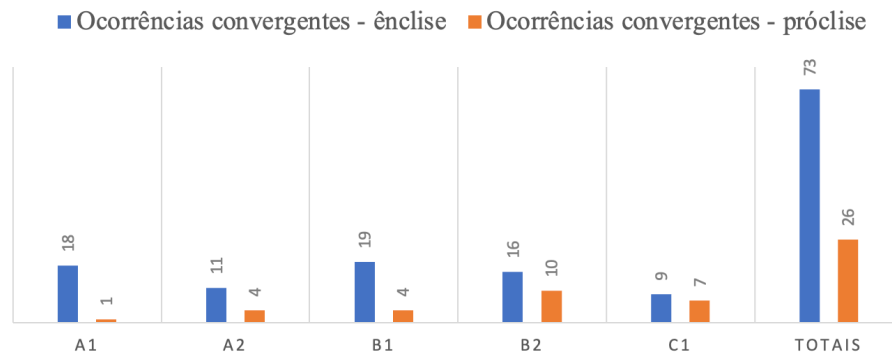


Figura 2

Ocorrências convergentes em contextos de ênclise e em contextos de próclise

Fonte: Elaboração própria

Os desvios encontrados nestas produções escritas levam-nos a concluir que existe, em quase todos os níveis de proficiência (excetuando o nível A2, no qual se verifica que a opção por ênclise em detrimento de próclise está a par com a opção por próclise em detrimento de ênclise), uma tendência para generalizar a ênclise, o que revela, de modo geral, a força do ensino das regras e, nomeadamente, do ensino do padrão base do PEC —Figura 3—. Em consonância com as reflexões previamente explanadas relativamente ao número de divergência encontrado no nível B2, vemos que um grande número de divergências que decorrem do uso da próclise em detrimento da ênclise ocorrem precisamente nesse nível. Os estudantes produzem textos mais elaborados e, conseqüentemente, com uma maior diversidade de estruturas gramaticais, mas ainda não dominam todos os contextos que pedem próclise que já conhecem, sobregeneralizando, ainda neste estágio da aprendizagem, a ênclise.

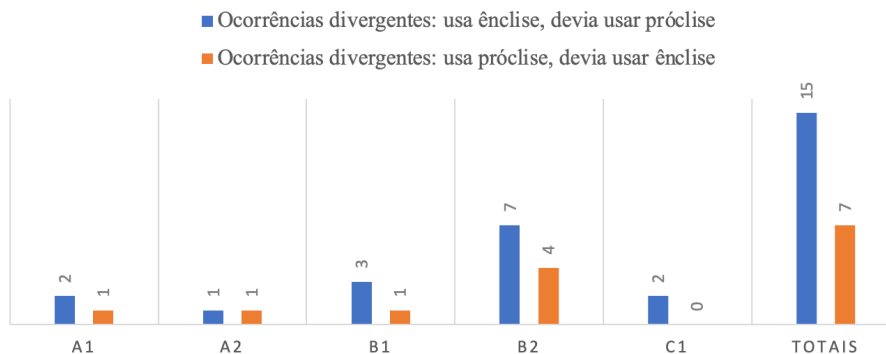


Figura 3

Ocorrências divergentes - ênclise por próclise ou próclise por ênclise?

Fonte: Elaboração própria

Considerando os contextos que estão na gênese das produções divergentes, encontramos, em primeiro lugar, as orações subordinadas relativas como contexto problemático (exemplos (22) e (23)). Este contexto reúne 10 ocorrências divergentes (45%), que se verificam em todos os níveis de proficiência.

(22) ... e a seguir comeu uma sandes mixta que sua irmã a irmã dele preparou-lhe... (informante es119CAITF\_1, nível A1)

(23) O pequeno artista que há dentro de mim as vezes escreve coisas que me surpreendem, e apaixonan-me. (informante espanhol.ER.b2.65 6.1b, nível B2)

Seguem-se as orações principais com proclisadores em posição pré-verbal (exemplos (24) e (25)), com cinco ocorrências divergentes (23%), de entre as quais duas, produzidas por dois informantes diferentes, com o proclisador não. Esta divergência encontra-se tanto no nível B1 como no nível B2, contrariando os resultados de Madeira et al. (2006), os quais indicam ser este um dos primeiros contextos de próclise que, sobretudo, aprendentes com LM românicas dominam.

(24) ... nunca uso o meu carro e a bateria já estropeouse 3 vezes por causa disto! (informante espanhol.ER.b1.38 77.3t, nível B1)

(25) Este verão não vais te livrar de mim... (informante espanhol.ER.b2.23 6.1b, nível B2)

Tanto no caso das orações subordinadas relativas como no caso das orações principais com proclisadores em posição pré-verbal, os desvios parecem dever-se a uma sobregeneralização do padrão base de colocação dos pronomes pessoais clíticos em PEC, a ênclise.

Por último, também o contexto de oração principal afirmativa se afigura como problemático (exemplos (26) e (27)), com cinco ocorrências divergentes (23%), de entre as quais três, produzidas por dois informantes diferentes, com o clítico em início de frase, um desvio que se encontra inclusive no nível B2.

(26) Entretanto a gente do sul /me/ parecem <(...)> mais alegres e mais preocupados pela <(...)> comunidade... (informante espanhol.ER.b1.19.52.2l, nível B1)

(27) Te deixo numa historias os motivos pelos quais há mais de 1 ano estou <(...)> no Libano... (informante espanhol.ER.b2.65 6.1b, nível B2)

Neste último contexto de colocação, os desvios parecem dever-se não a conhecimentos já adquiridos/aprendidos da LA, mas sim a uma interferência da LM, na qual, como vimos, o padrão de colocação básico é a próclise e na qual é possível, e frequente, o clítico aparecer em começo de frase, o que, em PEC, ocorre apenas de forma muito excepcional.

Os dados que resultam deste estudo confirmam, assim, em produção livre, alguns resultados aferidos em Rodrigues (2018), os quais são fruto, todavia, de um corpus reunido com base em juízos de aceitabilidade e produções induzidas, nomeadamente, a tendência a generalizar o padrão enclítico e a maior dificuldade sentida em contextos de verbos simples que exigem próclise.

Por outro lado, não confirmam alguns dos resultados de Madeira et al. (2006), a saber a tendência a generalizar a próclise a contextos de ênclise em fases de aquisição/aprendizagem mais avançadas (no nosso corpus a tendência é sempre a generalizar a ênclise, embora se verifique uma maior tendência a recorrer à próclise em contextos que pedem ênclise no nível B2), ou o facto de, em primeiro lugar, se aprenderem os contextos em que se encontra, em posição pré-verbal, um elemento de negação (este desvio surge, no nosso corpus, ainda no nível B2), nem os de Rodrigues (2018) que indicam que o sucesso vai aumentando com o nível de proficiência. Também contrariamente a alguns dos resultados apurados por Rodrigues (2018), não se observa, no nosso corpus, grandes dificuldades nos contextos de subida de clítico opcional (exemplos (28) e (29)). Registámos apenas uma ocorrência divergente<sup>6</sup> (exemplo (30)). Não se encontra, neste corpus, no entanto, nenhuma ocorrência de subida de clítico obrigatória, o

contexto em que, no referido estudo, os aprendentes manifestavam ainda mais dificuldades.

(28) Vamos a vermos em a minha casa o sábado as 10h. (informante es039CVITF, nível A1)

(29) Será que conseguiremos vê-lo neste século? (informante es075CVSTF, nível C1)

(30) \*Este povo não pode se considerar campo, mas a minha casa fica fora do povo, no meio do campo. (informante espanhol.ER.b2.24 69.3q, nível B2)

Pensamos que esta diferença de resultados se pode explicar essencialmente pelo tipo de produções que compõem os corpora utilizados nestes estudos. Em produções induzidas e juízos de aceitabilidade, usados em todos os trabalhos consultados, poderá ocorrer, de certo modo, uma espécie de foco na forma que pode favorecer as produções convergentes. Tal não acontece em produções não induzidas, sendo que a atenção dos alunos está mais dispersa no que diz respeito aos conhecimentos que têm que convocar para elaborar os seus textos. Por outro lado, no caso do estudo de Rodrigues (2018), acresce ainda o facto de, ao contrário dos estudantes cujas produções analisámos, os aprendentes não estarem em contexto de imersão. Será o papel da instrução formal mais forte do que o da imersão linguística? Fica a questão de investigação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurámos, neste trabalho, descrever o comportamento de aprendentes hispanofalantes de PELE, de diferentes níveis de proficiência, em contexto de imersão, no que diz respeito aos padrões de colocação dos pronomes pessoais clíticos em produções escritas retiradas do PEAPL2 e do COPLE2, dois corpora de acesso aberto.

Recorrendo a uma metodologia que combina a Análise Contrastiva, a Análise de Erros e a teoria da Interlíngua e realizando uma leitura quantitativa e qualitativa dos dados, aferimos que estes aprendentes produzem mais ocorrências convergentes (82% no total) do que divergentes (18% no total), tendo como ponto de comparação os padrões de colocação atualmente em vigor no PEC. A maioria das produções convergentes dizem respeito a contextos que pedem ênclise (74%), o padrão de colocação base do PEC, pelo que a próclise parece ser o padrão de colocação que mais dificuldades apresenta. Apesar de, neste corpus, não se observar uma evolução linear à medida que o nível de proficiência aumenta (A1-86%; A2-88%; B1-85%; B2-70%; C1-89%), o nível C1 é aquele em que existe menos percentagem de divergência. De qualquer forma, as percentagens de divergência são relativamente baixas em quase todos os níveis, aumentando um pouco mais no nível B2, aumento este que, pensamos, poderá dever-se a diferentes fatores, considerados quer individualmente, quer em conjunto, nomeadamente à complexidade que o próprio nível acarreta e a qual se traduz, no caso da nossa temática, no conhecimento de um vasto número de contextos de colocação que, sobretudo no caso da próclise, o padrão não marcado, complexifica a sua aquisição/aprendizagem.

Uma análise mais atenta das ocorrências divergentes permite observar, ainda, uma sobregeneralização da ênclise em todos os níveis de proficiência (a maioria das produções divergentes correspondem a usos de ênclise em contextos em



que seria necessária a próclise e a convergência é mais elevada em contextos de ênclise em todos os níveis). No que concerne aos contextos que oferecem mais dificuldades aos aprendentes, sobressaem os contextos de oração subordinada relativa, de orações principais com proclisadores em posição pré-verbal e de orações principais afirmativas sem proclisador. As divergências nos dois primeiros contextos parecem dever-se à sobregeneralização da ênclise, o padrão base de colocação da língua alvo, o PEC. Por outro lado, no caso do último contexto, os desvios parecem dever-se à transferência do padrão base de colocação da LM dos aprendentes, a próclise.

Os resultados alcançados evidenciam, assim, a necessidade de, pedagogicamente, prestar uma atenção especial ao contexto de oração subordinada relativa. De igual modo, será conveniente os professores não partirem do pressuposto de que, nos níveis B1 e B2, os aprendentes já dominam o padrão de colocação básico ou os proclisadores que desencadeiam a próclise.

Apesar destas ilações, é necessário ter em conta que o corpus estudado é reduzido (apenas 22 divergências), pelo que estes resultados devem ser lidos com cautela. Tratando-se de um corpus não elicitado, há que considerar, em primeiro lugar, que os aprendentes têm a opção de eludirem os clíticos se não se sentirem à-vontade com o seu uso. Acresce, ainda, às limitações, o facto de serem textos produzidos em contexto de avaliação formal, com a maior ansiedade e menor tempo para refletir, rever o texto, etc., que essa situação avaliativa acarreta. Esta última limitação parece, contudo, a julgar pelos resultados dos alunos, não exercer um efeito excessivamente pernicioso.

Tendo em conta as limitações elencadas, em investigações futuras seria, pois, interessante realizar esta mesma investigação com um corpus mais extenso, bem como elicitado produções com os contextos identificados como problemáticos para confirmar os dados obtidos. Outros caminhos de trabalho interessantes seriam estudar produções escritas não induzidas de aprendentes que não estejam em contexto de imersão e até mesmo analisar o comportamento dos aprendentes hispanofalantes em produções orais.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Edições Asa. <https://acortar.link/xRSCGu>
- Corder, S. P. (1971). Idiosyncratic dialects and error analysis. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 9(2), 161-170.
- Costa, J., e Lobo, M. (2013). Aquisição da posição dos clíticos em português europeu. *Textos selecionados do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 271-288. <https://acortar.link/TGrYee>
- Cristiano, J. M. (2010). *Análise de erros em falantes nativos e não nativos*. Lidel.
- Duarte, I. (2003). Padrões de colocação dos pronomes clíticos. Em M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte e I. H. Faria, *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª ed., pp. 847-867). Caminho.
- Fernández Soriano, O. (1999). El pronombre personal. Formas y distribuciones. Em I. Bosque, e V. Demonte (Dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española volumen 1*. (pp. 1209-1274). Espasa.

- Fiéis, A., e Madeira, A. (2016). Clíticos e objetos nulos na aquisição de português L2. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 1, 359-380. <https://acortar.link/NS6NG5>
- Gu, W. (2019). Pronomes clíticos na aprendizagem de PLE: um estudo empírico sobre a sua produção por falantes de chinês. Em A. M. Ferreira, C. Morais, M. F. Brasete e R. L. Coimbra (Eds.), *Pelos mares da língua portuguesa 4* (pp. 675-687). UA Editora. <https://acortar.link/JFacSv>
- Kaiser, G. A. (1999). A evolução dos pronomes clíticos no português europeu em comparação com os pronomes clíticos em outras línguas românicas. Em J. A. Samper Pasilla e M. Troya Déniz (Coords.), *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de lingüística y filología de la América Latina* (tomo III, pp. 1933-1943). Librería Nogal.
- Lado, R. (1957). *Linguistics across cultures*. The University of Michigan Press.
- Madeira, A., Crispim, M. L., e Xavier, M. F. (2006). Clíticos pronominais em português L2. *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 495-510. <https://acortar.link/CruOfK>
- Magro, C. (2007). *Clíticos: variações sobre o tema*. [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa]. <https://acortar.link/k1j3lu>
- Martins, A. M. (2013). Posição dos pronomes pessoais clíticos. Em E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura e A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português volume II* (pp. 2231-2302). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rodrigues, A. I. P. (2018). *Colocação de Clíticos em Português como L2 por Aprendentes de LM Espanhola*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra].
- Rosário, M. J. P. (2005). Aquisição dos clíticos por falantes de português língua não materna. Em D. Carvalho (Ed.), *Des(a)fiando discursos: homenagem a Maria Emilia Ricardo Marques* (pp. 553-562). <https://acortar.link/pKfE5h>
- Selinker, L. (1972). Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, 10, 209–231.
- Stichini, C. (2014). *Aquisição dos Clíticos no Ensino Simultâneo de PE e PB a Alunos Universitários na Suécia*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. <https://acortar.link/PkKLDF>
- Ułanowicz, E. U. (2020). *Especificidades com o uso dos clíticos: estudo de caso no nível B de português língua estrangeira*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. <https://acortar.link/xyLKgw>

## Notas

- 1 Os exemplos (4) a (9) e (16) são retirados de Martins (2013) e os exemplos (10) a (15) de Fernández Soriano (1999).
- 2 Os dois exemplos são de elaboração própria.
- 3 É de referir, todavia, que, na totalidade das produções (65 textos), se encontra apenas uma ocorrência de mesóclise.
- 4 Mantemos o código atribuído aos informantes nos corpora dos quais recolhemos os textos.
- 5 No nível C1, chega a haver quase um equilíbrio entre produções convergentes em contextos de ênclise e de próclise.
- 6 Relembramos que a referência neste trabalho é o PEC. Não será de descartar, contudo, que os aprendentes tenham tido algum contacto com a variante do Português do Brasil. Veja-se, a este propósito, o trabalho de Stichini (2014).